

4. Os julgamentos e flagelação de Jesus

O último dia de Jesus na Terra

Link do vídeo do YouTube com legendas em 70 idiomas: <https://youtu.be/1ZQ637TPnCM>

A política tem sido parte integrante da experiência humana desde o início da civilização. A definição da Wikipedia para política é baseada na palavra grega *politikos*, que significa “dos cidadãos, para os cidadãos ou relacionado aos cidadãos”. Descreve “a prática e a teoria de influenciar outras pessoas em nível cívico ou individual”. O comediante Robin Williams ofereceu uma interpretação diferente da palavra. Ele disse que política vem da palavra “poly”, que significa “muitos”, e “ticks”, que significa “parasitas sugadores de sangue”. A sátira política existe desde que os partidos políticos surgiram. Muitas vezes, os políticos prometem uma coisa e fazem outra. Um comediante definiu “político” como “aquele que aperta sua mão antes das eleições e sua confiança depois”. É difícil conectar política com verdade. Na luta pela verdade, a política muitas vezes suprime ou ignora a verdade para ganhar ou manter o poder. Ao examinar os julgamentos de Jesus, é essencial reconhecer que Jesus criou um dilema político para os líderes governantes e Pôncio Pilatos, que enfrentou a decisão sobre sua culpa ou inocência.

Em nossos dias, temos visto a política dividir o país, as comunidades e até mesmo nossas famílias. Não foi diferente no tempo de Jesus. Cristo nasceu em um mundo que sofria com a opressão política. Nesse contexto de injustiça, esquemas humanos e lutas pelo poder, Jesus sofre como homem e derrota a morte como Salvador. Ele é a luz em meio às trevas, expondo-as e desafiando-as.

O julgamento de Jesus perante Caifás e o Sinédrio

Após a entrevista com Anás, o ex-sumo sacerdote, Jesus foi levado através do pátio até o sumo sacerdote Caifás para um julgamento perante o Sinédrio, o conselho governante judeu. Este julgamento, de acordo com a lei judaica, era ilegal em muitos aspectos. Por exemplo, foi realizado à noite, o que era proibido pela lei judaica. Além disso, Jesus não tinha advogado de defesa, enquanto o sumo sacerdote tentava intimidá-lo. As testemunhas discordavam, então Caifás, exasperado, finalmente ordenou que Jesus respondesse às acusações sob juramento, vinculando-o assim sob o testemunho do Deus vivo: “Eu te conjuro pelo Deus vivo: Diga-nos se você é o Messias, o Filho de Deus” (Mateus 26:63). Marcos nos fornece a resposta de Jesus:

⁶⁰Então o sumo sacerdote se levantou diante deles e perguntou a Jesus: “Você não vai responder? Qual é o testemunho que esses homens estão trazendo contra você?” ⁶¹Mas Jesus permaneceu em silêncio e não deu resposta. Novamente o sumo sacerdote lhe perguntou: “Você é o Cristo, o Filho do Bendito?” ⁶²**“Eu sou”,** disse Jesus. **“E vocês verão o Filho do Homem sentado à direita do Poderoso e vindo sobre as nuvens do céu.”** ⁽⁶³⁾O sumo sacerdote rasgou suas vestes. “Para que precisamos de mais testemunhas?”, perguntou ele. ⁽⁶⁴⁾“Vocês ouviram a blasfêmia. O que vocês acham?” Todos o condenaram como digno de morte. ⁽⁶⁵⁾Então alguns começaram a cuspir nele; vendaram-lhe os olhos, bateram-lhe com os punhos e disseram: “Profetize!” E os guardas o levaram e o espancaram (Marcos 14:60-65).

Observe novamente o uso que Jesus faz do nome divino para Deus, EU SOU (v. 62). Essa resposta

ao sumo sacerdote selou o destino de Jesus com os anciãos governantes judeus. O julgamento terminou nesse momento: “**Para que precisamos de mais testemunhas?**” (v. 63). Cristo foi condenado por afirmar com confiança que Ele é Aquele sobre quem o profeta Daniel escreveu, ou seja, Aquele chamado Filho do Homem, o Messias, que se assentará no trono de Davi e será adorado:

¹³ Na minha visão noturna, olhei e vi alguém como um **filho do homem**, vindo com as nuvens do céu. Ele se aproximou do Ancião de Dias e foi conduzido à sua presença. ⁽¹⁴⁾ Foi-lhe dada autoridade, glória e poder soberano; todos os povos, **nações e homens de todas as línguas o adoraram**. Seu domínio é um domínio eterno que não passará, e seu reino é aquele que nunca será destruído (Daniel 7:13-14; ênfase adicionada).

Depois que Caifás e o Sinédrio julgaram Cristo, Marcos escreveu que eles cuspiram em Jesus por ter dito palavras que consideravam blasfemas. Então, Cristo foi vendado para que não pudesse antecipar os golpes daqueles que estavam no Sinédrio naquela manhã (Marcos 14:65). Lucas também observou que eles O golpearam com os punhos e O espancaram antes de levá-Lo a Pilatos (Lucas 22:63).

A política que influenciou Pôncio Pilatos

A política mais uma vez influenciou a difícil decisão que Pilatos teve que tomar ao confrontar a verdade sobre Jesus Cristo. Vamos examinar os fatores políticos que influenciaram a decisão de Pilatos quando ele se deparou com a própria Verdade, o Senhor Jesus. Como um governador romano se viu na posição de julgar um judeu acusado de blasfêmia por um conselho religioso judeu?

O livro de leis judaicas conhecido como Talmude registra que, dois anos antes da crucificação de Cristo, a autoridade para julgar questões de vida e morte foi retirada de Israel. Tibério César decretou que somente o governador ou procurador tinha o poder de executar uma pessoa. É por isso que o Sinédrio levou Jesus às autoridades romanas para proferir a sentença.

A Judéia (Israel) era conhecida por ser uma região difícil de governar. Pôncio Pilatos foi escolhido como procurador da Judéia porque tinha fama de não tolerar absurdos daqueles sob sua autoridade. No entanto, após a chegada de Pilatos, ele começou a cometer erros. Houve tumultos entre os judeus em resposta às decisões que ele tomou. Durante um desses tumultos, Pilatos agiu rapidamente contra os judeus. Ele lidou com violência na repressão dos manifestantes, causando muitas mortes. Em poucos dias, os líderes judeus pediram a Tibério César que removesse Pilatos de seu cargo. Pilatos entendeu que precisava ter cuidado com a sensibilidade dos judeus. Outro tumulto ou revolta poderia custar-lhe o emprego. Ele estava em uma posição frágil.

A exigência para que Pilatos executasse Jesus

Era dia, provavelmente por volta das 6 da manhã, quando o grupo de anciãos, o Senhor Jesus e o sumo sacerdote chegaram ao quartel-general de Pilatos em Jerusalém. Os judeus não entravam no prédio por causa de uma lei escrita que dizia que as casas dos gentios não eram cerimonialmente puras para um judeu. A lei da Páscoa estipulava que, dias antes da Páscoa, a casa deveria ser

completamente limpa e todo o fermento (levedura) removido antes do início dos sete dias da Festa dos Pães Ázimos, cujo primeiro dia era a Páscoa (Êxodo 12:15). Depois de estar em uma residência gentia, a purificação ritual poderia levar de um a sete dias, dependendo do que fosse tocado dentro do prédio.

²⁸Então os líderes judeus levaram Jesus de Caifás para o palácio do governador romano. Já era madrugada e, para evitar a impureza cerimonial, eles não entraram no palácio, porque queriam poder comer a Páscoa. ⁽²⁹⁾Então Pilatos saiu e perguntou-lhes: “Que acusação trazeis contra este homem?” ⁽³⁰⁾“Se ele não fosse criminoso”, responderam eles, “não o teríamos entregue a ti”. ⁽³¹⁾Pilatos disse: “Levem-no vocês mesmos e julguem-no segundo a sua lei”. “Mas nós não temos o direito de executar ninguém”, objetaram eles. ⁽³²⁾Isso aconteceu para que se cumprisse o que Jesus havia dito sobre o tipo de morte que ele iria morrer (João 18:28-32).

Os líderes religiosos ignoraram a justiça e a misericórdia, levando Jesus ilegalmente a um tribunal criminal, onde Ele foi espancado e maltratado antes mesmo de um julgamento ter produzido um veredicto. Eles estavam mais preocupados com a impureza ritual de entrar na casa de um gentio. Podemos ver a hipocrisia nisso, mas é essencial entender que, do ponto de vista deles, eles acreditavam estar buscando justiça ao punir alguém que consideravam um blasfemo e um perturbador. A verdade estava diante deles na pessoa de Jesus Cristo, mas eles não a viam. Um tipo semelhante de hipocrisia também pode ocorrer dentro da Igreja. Muitas vezes, as pessoas se concentram em questões menores, negligenciando assuntos espirituais mais importantes.

Pilatos saiu para os anciãos e a multidão no pátio. Ele perguntou-lhes: “**Que acusação trazeis contra este homem?**” (João 18:29). Os principais sacerdotes e fariseus não gostaram de ouvir essa pergunta, porque não tinham nenhuma acusação válida contra Cristo num tribunal romano. A acusação deles era religiosa, especificamente a acusação de blasfêmia contra Deus. Eles sabiam que a acusação não se sustentaria diante de Pilatos. Ainda assim, eles pensavam que já tinham um acordo com Pilatos para fazer vista grossa e condenar Jesus: “**Se ele não fosse um criminoso**”, responderam eles, “**não o teríamos entregue a você**” (João 18:30). Pilatos já sabia da inveja e do ódio que sentiam por Jesus e não confiava neles (Mateus 27:18), então sua resposta foi: “**Levem-no e julguem-no segundo a sua lei**”, disse Pilatos (João 18:31). Pilatos não esperava que o sumo sacerdote e os anciãos pedissem a pena de morte para Jesus, então disse-lhes para lidarem com a situação com Cristo por conta própria, fora do seu tribunal. Talvez tenha sido nesse momento que a esposa de Pilatos se aproximou dele com uma forte mensagem de advertência, transmitida na forma de um sonho. Deus frequentemente usa um pensamento, um sonho, uma mensagem na igreja ou até mesmo as palavras de um amigo para nos impedir de pecar, se tivermos o coração disposto a ouvir e receber.

Enquanto Pilatos estava sentado no tribunal, sua esposa lhe enviou esta mensagem: Não te envolvas com esse homem inocente, pois hoje sofri muito em um sonho por causa dele (Mateus 27:19).

Pilatos permitiu que eles julgassem Cristo por conta própria. Por que eles não aceitaram a palavra de Pilatos e O executaram imediatamente? (João 18:31). É possível que o sumo sacerdote e os anciãos planejassem transferir a culpa pela morte de Cristo para os romanos, livrando-se assim de

qualquer responsabilidade. Em resposta à decisão de Pilatos, eles disseram: “Mas nós não temos autoridade para executar ninguém”, argumentaram. Essa resposta foi dada para cumprir o que Jesus havia profetizado anteriormente, que Ele seria crucificado. “O Filho do Homem será entregue aos principais sacerdotes e aos mestres da lei. Eles o condenarão à morte e o entregarão aos gentios para ser escarnecido, açoitado e crucificado” (Mateus 20:18-19), e João registra Jesus dizendo que Ele morreria sendo levantado. “Mas eu, quando for levantado da terra, atrairei todos a mim” (João 12:32). Os líderes judeus estavam tentando refutar Sua afirmação de ser o Messias (Cristo) amaldiçoando-O. Eles queriam que Cristo morresse crucificado, em vez de ser executado da maneira judaica, que era apedrejado. Ser pendurado em um pedaço de madeira (uma árvore) era considerado uma maldição de Deus.

⁽²²⁾ Se alguém culpado de um crime capital for condenado à morte e seu corpo for exposto em um poste, ⁽²³⁾ você não deve deixar o corpo pendurado no poste durante a noite. Certifique-se de enterrá-lo no mesmo dia, porque **qualquer pessoa pendurada em um poste está sob a maldição de Deus.** Você não deve profanar a terra que o Senhor, seu Deus, está lhe dando como herança (Deuteronômio 21:22-23).

Por trás de tudo isso, Deus estava trabalhando, substituindo Seu Filho por nós. Jesus tomaria sobre Si a maldição que pairava sobre nós. O apóstolo Paulo escreveu à igreja da Galácia que Deus tinha uma razão para permitir que Seu Filho fosse pendurado numa árvore e levasse uma maldição:

¹⁰Pois todos os que dependem das obras da lei estão sob maldição, como está escrito: **“Maldito é todo aquele que não continuar a fazer tudo o que está escrito no Livro da Lei”**. ¹¹É evidente que ninguém que depende da lei será justificado diante de Deus, porque “o justo viverá pela fé”. ⁽¹²⁾A lei não se baseia na fé; pelo contrário, ela diz: “A pessoa que fizer essas coisas viverá por elas”. ⁽¹³⁾**Cristo nos redimiou da maldição da lei, tornando-se maldição por nós,** pois está escrito: **“Maldito todo aquele que for pendurado num madeiro”**. ⁽¹⁴⁾Ele nos redimiu para que a bênção dada a Abraão pudesse chegar aos gentios por meio de Cristo Jesus, a fim de que, pela fé, pudéssemos receber a promessa do Espírito (Gálatas 3:10-14).

O comentarista William Barclay nos diz que a crucificação “teve origem na Pérsia; e sua origem veio do fato de que a terra era considerada sagrada para o deus Ormuzd, e o criminoso era levantado dela para que não profanasse a terra, que os persas acreditavam ser propriedade do deus. Da Pérsia, a crucificação passou para Cartago, no norte da África, e foi de Cartago que Roma a aprendeu.”¹ Os romanos crucificaram pelo menos 30.000 judeus durante a ocupação de Israel para alertar os outros sobre as consequências de se oporem a Roma. Os líderes judeus buscaram a morte mais cruel para Jesus, ao mesmo tempo em que chocavam o povo amaldiçoando Aquele que acreditavam ser o Messias. Deus estava nos mostrando que Jesus tomou sobre Si a maldição, representada pelos espinhos em Sua cabeça. No Jardim do Éden, quando Adão escolheu obedecer à voz da serpente em vez de Deus, o Senhor disse: **“Maldita é a terra por tua causa... espinhos e ervas daninhas ela te produzirá”** (Gênesis 3:17-18). Em cumprimento à maldição trazida à cruz, eles **“trançaram uma coroa de espinhos e a colocaram em sua cabeça”** (Mateus 27:29).

¹ William Barclay. *O Evangelho de Mateus*, Vol. 2. Filadélfia: Westminster, 1975, p. 365.

Pilatos questiona Jesus sobre sua realeza (João 18:33-38a)

³³Pilatos voltou para dentro do palácio, chamou Jesus e perguntou-lhe: “Você é o rei dos judeus?” ³⁴“Isso é ideia sua”, perguntou Jesus, “ou outros falaram de mim a você?” ³⁵“Sou judeu?”, respondeu Pilatos. “Seu próprio povo e os chefes dos sacerdotes entregaram você a mim. O que você fez?” ⁽³⁶⁾Jesus respondeu: “Meu reino não é deste mundo. Se fosse, meus servos teriam lutado para impedir que eu fosse preso pelos líderes judeus. Mas agora meu reino é de outro lugar”. ⁽³⁷⁾“Então você é rei!”, disse Pilatos. Jesus respondeu: “Você diz que eu sou rei. Na verdade, a razão pela qual nasci e vim ao mundo é para testemunhar a verdade. Todos os que estão do lado da verdade me ouvem.” ⁽³⁸⁾“O que é a verdade?”, retrucou Pilatos. Com isso, ele saiu novamente para os judeus que estavam ali reunidos e disse: “Não encontro nenhuma base para acusá-lo. ⁽³⁹⁾Mas é costume que eu liberte um prisioneiro na Páscoa. Querem que eu liberte o 'rei dos judeus'?” ⁽⁴⁰⁾Eles gritaram: “Não, esse não! Dê-nos Barrabás!” Ora, Barrabás havia participado de uma revolta (João 18:33-40).

Pilatos não gostou do rumo que as coisas estavam tomando. Ele afastou Jesus dos líderes religiosos e falou com Ele em particular em seus aposentos. Ele perguntou diretamente a Cristo: “Você é o rei dos judeus?” Ele disse isso porque essa era a acusação que os líderes judeus estavam fazendo a Pilatos para garantir a condenação de Cristo. Roma só podia ter um rei e, para eles, esse rei era César. No fundo, porém, Pilatos sentia que Jesus era inocente, mas se cedesse aos anciãos judeus, precisaria de algum motivo para a acusação.

O que você acha que levou Pilatos a ceder à pressão dos anciãos governantes? O que leva um homem a comprometer seus valores?

Pilatos sentiu a pressão desses líderes judeus porque já sabia que eles iriam intensificar a questão e reclamar com César, fazendo-o parecer incapaz de lidar com a situação. O medo de perder prestígio ou sua posição foi um forte motivador para ele comprometer seus valores. Ele perguntou a Jesus: “Você é o rei dos judeus?” (João 18:33). Se Pilatos estava perguntando de uma perspectiva política ou mundana, então não, nesse sentido, Jesus não é um rei. O reino de Cristo não faz parte do sistema de força e intimidação deste mundo. Ainda assim, se Pilatos está perguntando do ponto de vista das Escrituras, então sim, Jesus é o Rei dos judeus, e Ele veio para testemunhar a verdade de Deus, para conquistar e anular o domínio de Satanás sobre a terra.

O governo de Cristo é de uma ordem completamente diferente. A resposta de Jesus não deu a Pilatos nenhuma evidência para condená-lo como alguém que levantaria armas contra Roma. Jesus disse: “Eu nasci e vim ao mundo para testemunhar a verdade. Todos os que são da verdade me ouvem” (v. 37). O Senhor permitiu que Pilatos respondesse à verdade que ouviu, assim como Ele procura fazer com todos nós: optar por abandonar um pecado que sabemos que será condenatório para a alma se continuarmos a persegui-lo. Se um homem tem um coração honesto e está buscando a verdade, a verdade ressoará nele. As verdades de Deus são como uma espada que nos obriga a escolher um lado. Quando a verdade nos é apresentada, surge uma linha divisória. Podemos responder com um desejo por mais ou fechar nossas mentes e corações, rejeitando, em última instância, a verdade de Deus. Quando ouvimos a verdade sobre Jesus, cada um de nós escolhe um lado. Não há meio-termo, não há cerca para nos sentarmos; ou rejeitamos a Palavra de

Deus ou desejamos mais. Jesus disse: “**Quem não está comigo está contra mim, e quem não se une a mim se dispersa**” (Mateus 12:30).

Pilatos respondeu com uma pergunta: “O que é a verdade?” Ele acreditava que a verdade é aquilo que os vencedores de qualquer guerra fazem dela. Homens ímpios muitas vezes moldam a história para servir aos seus próprios interesses, obscurecendo a verdade das pessoas. Infelizmente, Pilatos não fez mais perguntas para descobrir a verdade dos lábios de Jesus. Nesse momento, ele só queria uma maneira de sair daquela situação difícil. Ele não queria arriscar sua carreira em uma situação sem saída.

Você se lembra do momento em que ouviu pela primeira vez a verdade do Evangelho? Houve circunstâncias difíceis que o levaram a buscar a verdade?

Pilatos considera Jesus inocente

Pilatos percebeu que não havia provas para condenar Jesus à morte. Ele saiu novamente, falou à multidão que se reunira e anunciou seu veredicto: inocente (v. 38). No entanto, a multidão não aceitou essa decisão; Lucas observou que, nesse momento, alguns gritavam que Jesus havia causado problemas na Galiléia e em todos os lugares por onde passava (Lucas 23:5-6). Quando Pilatos soube que Jesus era da Galiléia, pensou que poderia passar o julgamento de Jesus a Herodes Antipas, o governante da região da Galiléia, que estava visitando Jerusalém naquele momento.

João não menciona essa aparição diante de Herodes Antipas em seu Evangelho, mas Lucas escreve que esse encontro com Herodes também foi infrutífero (Lucas 23:6-12). Depois que Jesus não disse nada e não realizou nenhum milagre para satisfazer a curiosidade de Herodes, Ele foi ridicularizado, humilhado e enviado de volta a Pilatos para julgamento. Quando o Senhor voltou de Herodes para Pilatos, a multidão no pátio estava crescendo e ficando cada vez mais indisciplinada. O fervor religioso estava aumentando. Pilatos teve que responder.

A opção do substituto da Páscoa

De repente, uma cláusula de misericórdia lhe veio à mente; ele lembrou-se de que, com a Páscoa começando em poucas horas, havia uma tradição de libertar um prisioneiro como um ato de bondade. Com a multidão diante dele, Pilatos levantou a voz e sugeriu esse ato de compaixão. Ele lhes ofereceu uma escolha, confiante de que escolheriam Cristo. Afinal, apenas alguns dias antes, pessoas comuns haviam colocado ramos de palma diante de Cristo quando Ele entrou em Jerusalém montado em um jumento. Naquela ocasião, eles gritaram: “**Hosana ao Filho de Davi**” (Mateus 21:9). Pilatos tinha certeza de que a elite governante não iria querer Barrabás, um assassino e insurrecto (Lucas 23:19), mas subestimou o ódio e a inveja deles. Eles rejeitaram o Filho de Davi e escolheram libertar Barrabás, o assassino.

Imaginemos como foi para Barrabás na masmorra sob o pátio. Ele não podia ouvir conversas individuais, mas podia ouvir a multidão gritando. Quando Pilatos apresentou à multidão a escolha de quem libertar — Jesus ou Barrabás —, os anciãos religiosos passaram pela multidão, incitando-a a gritar por Barrabás (Mateus 27:20). A multidão gritava com toda a força por Barrabás. Lá

embaixo, na masmorra, talvez Barrabás tenha ouvido seu nome ser gritado, seguido pelas palavras “Crucifica-o”.

²⁰Mas os principais sacerdotes e os anciãos persuadiram a multidão a pedir Barrabás e a executar Jesus. ²¹Qual dos dois vocês querem que eu solte para vocês? perguntou o governador. **Barrabás**, responderam eles. ²²O que farei, então, com Jesus, que é chamado Cristo? perguntou Pilatos. Todos responderam: **“Crucifica-o!”** ⁽²³⁾“Por quê? Que crime ele cometeu?”, perguntou Pilatos. Mas eles gritavam ainda mais alto: “Crucifica-o!” (Mateus 27:20-23).

Certamente, o coração de Barrabás deu um salto ao pensar na sua crucificação iminente. Imagine como deve ter sido para Barrabás, momentos depois, ouvir um soldado romano descendo o corredor com o som de chaves na mão. Barrabás deve ter pensado consigo mesmo que sua hora havia chegado. Imagine seu choque quando lhe disseram que ele seria libertado e que outra pessoa havia tomado seu lugar. Ele estava livre para sair e ir para onde quisesse. Todas as acusações contra ele foram retiradas! Gosto de pensar que, mais tarde, ao deixar a cidade de Jerusalém, ele viu Jesus crucificado em seu lugar como seu substituto e .

Como você acha que o perdão de Barrabás por seus crimes, pouco antes de sua crucificação, pode ter mudado sua vida depois disso?

Assim como Barrabás, nós também merecemos a pena de morte justa por nossos pecados. Assim como ele, nos é oferecido o perdão gratuito por nossos atos pecaminosos neste mundo. Jesus tomou o nosso lugar e se ofereceu como substituto por todos os pecados. Essa morte substitutiva é creditada à nossa conta espiritual quando colocamos nossa fé e confiança em Sua morte por nós e como nós na cruz. Imagine se Barrabás tivesse escolhido ficar em sua pequena cela em vez de sair para a luz. Isso pareceria inacreditável para você? Se isso tivesse acontecido, a graça oferecida a Barrabás não teria feito nenhum bem a ele. Assim como Barrabás, todos nós, em algum momento da vida, nos encontramos em uma prisão criada por nós mesmos. Graças a Deus, Jesus nos liberta. Com quem você mais se parece hoje: Pilatos ou Barrabás? Quando a verdade for apresentada, você vai ceder, como Pilatos, ou sair da sua cela como Barrabás e agradecer a Deus por enviar um Substituto?

A flagelação e humilhação de Cristo

Mateus observou que, após a libertação de Barrabás, Pilatos fez uma última tentativa de libertar Jesus, ordenando que Ele fosse açoitado.

¹Então Pilatos levou Jesus e mandou açoitá-lo. ²Os soldados trançaram uma coroa de espinhos e colocaram-na em sua cabeça. Vestiam-no com um manto púrpura ³e aproximavam-se dele repetidamente, dizendo: “Salve, rei dos judeus!” E lhe davam tapas no rosto. ⁽⁴⁾Mais uma vez Pilatos saiu e disse aos judeus que estavam ali reunidos: “Eis que o trago para fora, para que saibam que não encontro nele culpa alguma”. ⁽⁵⁾Quando Jesus saiu, usando a coroa de espinhos e o manto púrpura, Pilatos disse-lhes: “Aqui está o homem!” (João 19:1-5).

Lucas escreveu que o motivo de Pilatos ter mandado açoitar Jesus era para apaziguar os judeus. Pilatos disse: **“Portanto, vou castigá-lo e depois soltá-lo”** (Lucas 23:16). Ele esperava que os açoites nas costas de Cristo despertassem alguma simpatia e misericórdia por este homem inocente e satisfizessem a sede de sangue da multidão quando vissem Jesus. A flagelação romana era chamada de “meia morte” porque tinha como objetivo parar um pouco antes da morte. Ela não era realizada junto com outra punição. Os dois “ladrões” que também seriam crucificados não foram flagelados. Uma lei judaica, a *Mithah Arikhta*, proibia prolongar a morte de criminosos condenados e isentava aqueles que iam morrer da vergonha de também serem açoitados. Considerando que tanto as leis judaicas quanto as romanas foram ignoradas na punição de Cristo, Jesus foi tratado pior do que um criminoso comum.

A flagelação ou açoite era uma forma brutal de infligir dor a um homem. As costas de Jesus teriam sido esticadas sobre um poste de chicoteamento para que ele não pudesse se mover, enquanto dois homens de cada lado preparavam seus instrumentos de flagelação. A flagelação romana assumia três formas. Primeiro, havia o fustes, uma surra leve com tiras de couro usadas como aviso; segundo, havia o flagella, que envolvia uma surra severa; e terceiro, havia o verbera, muito mais intenso e aplicado com um chicote feito de várias tiras de couro com pedaços de metal ou osso amarrados nas pontas. Chuck Smith, autor e pastor, afirma que, a cada golpe do flagelo, esperava-se que a vítima confessasse seu crime. Se aquele que estava sendo açoitado gritasse um pecado, o lictor (aquele que administrava o açoitamento) aliviaria a punição até que, no final, apenas a tira de couro fosse usada. Esse alívio não aconteceu com Jesus, pois ele não tinha pecados a confessar e, assim, como uma ovelha diante dos seus tosquiadores, o Senhor não abriu a boca (Isaías 53:7).

O silêncio de Cristo e Sua falta de confissão de qualquer pecado provavelmente levaram os lictores a usar a forma mais severa de flagelação, a verbera. Esse tipo de flagelação arrancava pedaços de pele de Suas costas, deixando-O com os ossos e as entranhas expostos. O profeta Davi viu isso profeticamente e escreveu no livro dos Salmos: **“Todos os meus ossos estão expostos; as pessoas olham e se regozijam sobre mim”** (Salmos 22:17). Os Evangelhos não especificam quantas vezes açoitaram Jesus, mas o apóstolo Paulo foi açoitado trinta e nove vezes em cinco ocasiões diferentes (2 Coríntios 11:24). A tradição diz que isso também aconteceu com Jesus.

A Lei de Moisés limitava a flagelação a quarenta chicotadas (Deuteronômio 25:3), portanto, se Jesus recebeu trinta e nove chicotadas, os romanos não excederam o limite máximo judaico. A lei romana não especificava um número definido de chicotadas. Em vez disso, a flagelação continuava até que a vítima estivesse quase inconsciente e à beira da morte. Um patologista forense afirma que tal flagelação normalmente causa fraturas nas costelas, contusões pulmonares graves e lacerações com sangramento na cavidade torácica, às vezes levando a pneumotórax parcial ou completo (colapso pulmonar). Seiscentos anos antes de Cristo, o profeta Isaías descreveu o sofrimento do Messias nestes termos:

⁴Certamente ele tomou sobre si as nossas dores e carregou os nossos sofrimentos, mas nós o consideramos castigado por Deus, ferido por ele e afligido. ⁵Mas ele foi traspassado pelas nossas transgressões, foi esmagado pelas nossas iniquidades; o castigo que nos trouxe paz estava sobre ele, e pelas suas feridas fomos curados. ⁶Todos nós, como ovelhas, nos desviamos, cada um se voltou para o seu próprio caminho; e o Senhor fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós. ⁽⁷⁾ Ele foi oprimido e afligido, mas não abriu a boca; foi levado

como um cordeiro ao matadouro, e como uma ovelha diante dos seus tosquiadores, ele não abriu a boca (Isaías 53:4-7).

Quando a flagelação terminou, os soldados romanos ainda não tinham acabado com Ele. O ódio dos romanos pelos judeus foi expresso no Pretório, o quartel romano, enquanto eles se revezavam para espancar Cristo e humilhá-Lo. Marcos registra que toda a companhia (450-600 homens) se revezou para bater na cabeça de Jesus com um bastão e cuspir nele antes de zombar dele, curvando-se diante dele como fariam diante de César.

¹⁶Os soldados levaram Jesus para dentro do palácio (isto é, o Pretório) e reuniram toda a companhia de soldados. ¹⁷Colocaram-lhe uma capa roxa, trançaram uma coroa de espinhos e a colocaram sobre sua cabeça. ¹⁸E começaram a gritar: “Salve, rei dos judeus!” ⁽¹⁹⁾ Repetidamente, batiam-lhe na cabeça com uma vara e cuspiam nele. Ajoelhando-se, prestavam-lhe homenagem. ⁽²⁰⁾ E depois de zombarem dele, tiraram-lhe o manto púrpura e vestiram-lhe as suas próprias roupas. Então o levaram para crucificá-lo (Marcos 15:16-20).

Mais de quinhentos anos antes, no Antigo Testamento, o profeta Isaías falou sobre o Servo Sofredor de Deus enviado a Israel. Ele escreveu:

Ofereci as minhas costas aos que me feriam, as minhas faces aos que me arrancavam a barba; não escondi o meu rosto dos que me escarneciam e cuspiam (Isaías 50:6).

Tudo o que aconteceu a Cristo fazia parte do plano de Deus. No dia de Pentecostes, o apóstolo Pedro disse aos mais de 3.000 judeus diante dele: “Este homem foi entregue a vocês pelo **plano deliberado e pela presciência** de Deus; e vocês, com a ajuda de homens ímpios, o mataram, pregando-o na cruz” (Atos 2:23). Sob a autoridade soberana de Deus, o Pai deu Seu Filho a nós como nosso sacrifício substitutivo pelo pecado. Na crucificação de Jesus, tanto judeus quanto gentios, representando toda a humanidade, se revezaram para humilhá-Lo. Então os soldados levaram Cristo a Pilatos e à multidão.

Jesus considerado inocente por Pilatos pela segunda vez (João 19:6-12)

⁶Assim que os principais sacerdotes e seus oficiais o viram, gritaram: “Crucifica-o! Crucifica-o!” Mas Pilatos respondeu: “Levem-no vocês e crucifiquem-no. Quanto a mim, não encontro nenhuma culpa nele” ⁷Os líderes judeus insistiram: “Nós temos uma lei, e segundo essa lei ele deve morrer, porque se disse Filho de Deus”. ⁸Quando Pilatos ouviu isso, ficou ainda mais com medo ⁽⁹⁾e voltou para dentro do palácio. “De onde você vem?”, perguntou a Jesus, mas Jesus não lhe respondeu. ⁽¹⁰⁾“Você se recusa a falar comigo?”, disse Pilatos. “Você não percebe que tenho poder para libertá-lo ou crucificá-lo?” ⁽¹¹⁾Jesus respondeu: “Você não teria nenhum poder sobre mim se não lhe tivesse sido dado do alto. Portanto, aquele que me entregou a você é culpado de um pecado maior.” ⁽¹²⁾ A partir daí, Pilatos tentou libertar Jesus, mas os líderes judeus continuaram gritando: “Se você libertar este homem, você não é amigo de César. Qualquer um que se diz rei se opõe a César” (João 19:6-12).

Imagino que Pilatos ficou chocado com a condição do Homem diante dele. Ao todo, Pilatos fez cinco tentativas para libertar o Senhor (conforme registrado em Lucas 23:4, 15, 20, 22 e João 19:4, 12, 13). Essa cena terrível do Senhor Jesus açoitado diante da multidão foi predita mais de quinhentos anos antes por Isaías.

Assim como muitos ficaram horrorizados com ele — sua aparência estava tão desfigurada que não parecia mais humana e sua forma estava tão desfigurada que não parecia mais humana (Isaías 52:14).

Cristo foi espancado tão severamente que Seu rosto ficou desfigurado, e Ele mal parecia humano. Pilatos apresentou Jesus a eles: “Aqui está o homem!” (João 19:5b). Diante deles estava o Homem mais perfeito, amoroso e compassivo que a Terra já viu. Ali estava Deus em carne, mostrando como Deus é de uma forma que pudéssemos entender, mas a humanidade O rejeitou. As Escrituras descrevem Jesus como sendo rejeitado pelos homens, um homem de dores e que conheceu o sofrimento (Isaías 53:3). Quando Jesus foi apresentado à multidão após ser açoitado, eles imediatamente começaram a gritar: “Crucifica! Crucifica!”

Não devemos presumir que, se estivéssemos lá, as coisas teriam sido diferentes. A mesma natureza humana e o mesmo problema do pecado existem em nossos corações tanto quanto nos corações deles. Todos nós nos reconhecemos naquele pátio. A única maneira de sermos libertos de nossa natureza pecaminosa era que houvesse um substituto que assumisse nossa culpa e a removesse. Graças a Deus por Jesus. Ele é o perfeito Cordeiro de Deus.

Mais uma vez, Pilatos respondeu à multidão pela segunda vez quando considerou Jesus inocente, dizendo: “Levem-no e crucifiquem-no. Quanto a mim, não encontro nenhuma base para acusá-lo” (João 19:6b). Por que Pilatos não interrompeu o processo naquele momento? Se Jesus foi declarado inocente, por que as acusações contra Ele continuaram a ser ouvidas? Os líderes judeus insistiram: “Nós temos uma lei, e segundo essa lei ele deve morrer, porque se disse Filho de Deus”. Quando Pilatos ouviu isso, ficou ainda mais com medo (João 19:7-8a).

Ocasionalmente, encontro pessoas que afirmam que Jesus nunca disse que era o Filho de Deus, mas os inimigos de Jesus O acusaram de afirmar exatamente isso (João 19:7), dando às autoridades religiosas motivos para condená-Lo à morte.

Os judeus então apelaram a Pilatos com base na Lei de Moisés, que diz: “Quem blasfemar contra o nome do Senhor será morto” (Levítico 24:16).

Poder e responsabilidade (João 19:9-11)

Os romanos eram governados pelo medo de seu panteão de muitos deuses diferentes. Talvez Pilatos tenha percebido que não parecia haver medo algum nesse homem, que suportou a tortura da flagelação sem confessar nenhum pecado. O comportamento de Cristo pode ter feito Pilatos se perguntar se talvez esse homem *fosse* realmente o Filho de Deus. Ele também pode ter se lembrado do comentário de sua esposa para não se envolver com aquele homem inocente (Mateus 27:19). Pilatos então levou Jesus para sua residência novamente para conversar com ele em particular. “De onde você vem?”, perguntou ele a Jesus, mas Jesus não lhe deu resposta (João 19:9). Mesmo

estando ensanguentado, com sangue pingando no chão de Pilatos, Jesus estava majestoso em seu silêncio e totalmente no controle. Era Pilatos quem estava sendo julgado. Jesus não implorou por uma saída. Ele estava totalmente comprometido com o plano do Pai.

Pilatos tentou novamente libertar Jesus (v. 12), mas os líderes judeus foram insistentes. Após a última conversa íntima de Pilatos com Jesus e sua terceira declaração a eles de sua crença na inocência de Cristo, os líderes judeus gritaram: “Se você libertar este homem, você não é amigo de César. Qualquer um que se diz rei se opõe a César” (João 19:12).

Rejeição do Rei Jesus (João 19:13-16)

Pilatos se viu em uma situação difícil, pois tinha que decidir a qual reino servir. Proferir um veredicto de “inocente” teria comprometido sua carreira política. Roma o puniria por não condenar alguém que desafiou abertamente a autoridade de César. Confortavelmente estabelecido em seu cargo de governador, Pilatos preferiu condenar um homem inocente a ter César ouvindo falar de sua má liderança. Exasperado, ele concordou:

²⁴Quando Pilatos viu que não estava chegando a lugar nenhum, mas que, ao contrário, estava começando um tumulto, tomou água e lavou as mãos diante da multidão. “Eu sou inocente do sangue deste homem”, disse ele. “A responsabilidade é de vocês!” ²⁵Todo o povo respondeu: “O seu sangue seja sobre nós e sobre nossos filhos!” (Mateus 27:24-25).

Eu gostaria que a culpa e a responsabilidade pelos nossos pecados pudessem ser removidas simplesmente lavando as mãos. Se fosse assim tão fácil! Só há uma coisa que remove o pecado: o sangue derramado de Cristo na cruz como pagamento total pelo pecado.

Pilatos cedeu a eles: “Aqui está o vosso rei”, disse Pilatos aos judeus. ¹⁵Mas eles gritaram: “Leva-o daqui! Leve-o daqui! Crucifica-o!” ‘Devo crucificar o vosso rei?’, perguntou Pilatos. ‘Não temos outro rei senão César’, responderam os principais sacerdotes. (¹⁶Finalmente Pilatos entregou-o a eles para ser crucificado” (João 19:15-16).

É surpreendente pensar que, nesse momento, os líderes governantes reconheceram César como seu rei. O povo de Deus se considerava distinto e santo, não destinado a ser governado por outro rei, mas os líderes de Israel afirmavam sua disposição de ser governados por César em vez de Jesus. Cada um de nós deve ter cuidado para não fazer a mesma escolha em relação a quem serviremos.

A atitude deles reflete uma postura comum ao longo dos últimos dois mil anos: “Não queremos que esse homem reine sobre nós!” Esse é o cerne da questão: você aceita que esse Rei, esse Jesus, reine sobre você? Ele é Aquele que deu a vida por você. Há dois mil anos, as massas rejeitaram o governo e o reinado de Deus. Hoje, a história continua a mesma. A maioria das pessoas rejeita Jesus simplesmente porque ama seus pecados e se recusa a se curvar a qualquer outra pessoa. Elas não querem Jesus porque isso significa dizer não a si mesmas e sim a Ele. É uma mudança radical de lealdade. Todos os dias, enfrentamos a escolha de qual reino serviremos.

Agradeça a Deus por Jesus, o Cordeiro perfeito de Deus. Ele é o único que poderia pagar o nosso preço por completo, sendo um sacrifício perfeito e sem pecado, assim como o Cordeiro da Páscoa. Agradeça a Deus porque a morte não tem poder sobre nós por causa do Seu sacrifício de amor.

Uma oração: Obrigado, Pai, por enviar Seu Filho ao mundo para perdoar a dívida do meu pecado. Hoje, convido Cristo a entrar na minha vida e perdoar todos os meus pecados. Quero estar limpo e livre da minha prisão de escravidão ao pecado. Amém!

Keith Thomas

Site: www.groupbiblestudy.com

YouTube: <https://www.youtube.com/@keiththomas7/videos>

E-mail: keiththomas@groupbiblestudy.com